

O alienista

O conto mais conhecido de Machado de Assis, *O alienista*, se passa na cidade de Itaguaí-RJ, localizada a cerca de 70km da Capital e refúgio do personagem principal. Simão Bacamarte conhece o exterior e traz à obra do nosso romancista uma característica que se repete ao longo de suas histórias, o brasileiro que conhece – ou deseja conhecer – o exterior, mas quer viver mesmo é no Brasil, mais especialmente na Capital do Império¹. Em nosso conto, que por pouco não pode ser considerado um romance, o Dr. Simão Bacamarte volta dos estudos no continente europeu e entrega-se *de corpo e alma ao estudo da ciéncia, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas*. Temos nessas palavras encontradas na página de abertura da obra, o narrador onisciente posicionando o personagem num arquétipo bastante conhecido do leitor machadiano, o sábio-esotérico. O diferencial aqui é que, por ser conto (?), *O alienista* deu a Machado de Assis a liberdade de colocar o *meiomédico-meio-louco* no papel principal, ao contrário de seus romances que legam a esse caráter apenas as linhas secundárias como em *Esaú e Jacó*, com a cabocla adivinha desaparecendo logo após a entrada da trama; ou em *Memórias Póstumas* com Quincas Borba indo e vindo e deixando no enredo apenas o mistério de seu Humanitismo; no próprio Quincas Borba com o filósofo não participando de seu próprio livro e deixando apenas seu *[humanitas no] cachorro* que leva seu próprio nome; ou Helena com o Padre Melchior, guia espiritual da família do Vale. No alienista podemos ver o que o autor desejou fazer e não fez em seus romances. E o que temos é uma história experimental, não apenas *realmente* para o próprio escritor como também *ficcionalmente* para seus personagens que, ativa ou passivamente, participam todos de um experimento único no Brasil (ou quem sabe no mundo!), caso outro *luso-qualquer* não tenha saído de Coimbra com as ideias de estudar a *saúde da alma*.

[...] *Demonstrando os teoremas com cataplasmas* é uma descrição das atividades profissionais de nosso personagem que remete em cheio ao nosso já conhecido Brás Cubas. Se em *Memórias Póstumas* foi o emplastro que levou o personagem principal ao leito de morte², em *O alienista* são os cataplasmas que levam os habitantes de Itaguaí à clausura. A aplicação de seus teoremas leva o médico e estudante Dr. Bacamarte a ter os moradores da então pacata Itaguaí como Beckers onde suas teorias são misturadas e chegadas ao resultado final. Ou resultados *não finais* também, como os pacientes que são presos, mas posteriormente são soltos, enfim... o que importa é a ciéncia e esse é o argumento que chega com a propriedade de uma bigorna ao trazer para uma cidade de armazéns e vereança o peso de um diploma de medicina! e da Europa! Não há como duvidar de um *verdadeiro médico*, como disse Crispim Soares, o boticário da vila.

O início da obra é vital para o leitor pois ali temos as chaves de leitura da curta história. Assim como em *Dom Casmurro* o autor entrega a chave da história por meio das análises do agregado José Dias, que decifra Capitu por seu olhar [de cigana oblíqua e dissimulada], em *O alienista*, Machado registra no início da obra:

¹ O Rio de Janeiro foi a Capital do Império durante o período de 1763-1960, período no qual foi capital da colônia portuguesa do Estado do Brasil (1763-1815); do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1815-1822); do Império do Brasil (1822-1889); e da República dos Estados Unidos do Brasil (1889-1968), quando só então Brasília foi construída e se tornou a Capital Federal.

² No romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o personagem principal começa a história morto e ao longo da história demonstra ter chegado ao leito de morte após contrair uma doença banal. Dominado pela *ideia fixa* de desenvolver um emplastro que curasse o mal da hipocondria, Brás Cubas acaba ignorando os cuidados para com sua doença, o que a leva ao estágio grave ocasionando seu falecimento.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes.

...

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem moçinhos.

A ciência de Coimbra é puro experimento. Assim como o Humanitismo e todo o argumento esotérico na obra de Machado de Assis, que consegue escrever na Era do Positivismo sem ser incomodado, e mesmo um século após sua morte, sua obra ainda não é compreendida em um país que desconhece o significado dos vocábulos. No Brasil, os enigmas são escritos em português.

D. Evarista não tem nada a agregar à vida pessoal do doutor de Itaguaí, sequer filhos, inspiração... não lhe consegue enxergar mesmo a oportunidade de negócio da Casa Verde, só entendendo o que estava diante de si quando o marido abre-lhe diante dos olhos *as arcas, onde estava o dinheiro*. Abre-se a possibilidade de ir ao Rio de Janeiro, ver a Capital com sua opulência e deixar nosso doutor trabalhar em paz meio à loucura. Muita loucura, não apenas *uma meia dúzia de lunáticos* como supôs D. Evarista, em seus primeiros meses de funcionamento, à Casa Verde *não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete*.

Debaixo dos cataplasmas do Dr. Simão Bacamarte, todo mundo é doido. O escrivão, o boiadeiro, o generoso Costa que emprestava dinheiro e perdoava o devedor, e também o Gil Bernardes e até mesmo o Coelho, que *todos repetiam que era um homem perfeitamente ajuizado*. Mas tal insânia não dura muito sem alarido e o leitor chega logo ao primeiro embate, momento em que se pode ver não apenas o fruto imaginativo do nosso autor mas um próprio registro histórico, o Brasil viu dezenas de revoltas como a Revolta dos Canjicas, e todas elas com o mesmo perfil da ocorrida em Itaguaí: liderada por um do comércio e embasada em questões de dinheiro público.

O que leva o barbeiro Porfírio a se revoltar não são interesses pessoais, muito pelo contrário as questões pessoais iam nos céus pois desde a instalação da Casa Verde, os préstimos de Porfírio passaram a ser requisitados com constância tal que *viu crescerem-lhe os lucros, mas o interesse particular, dizia ele, deve ceder ao interesse público*. E assim temos em nossa história um retrato do Brasil com suas revoltas nascidas na classe média, a classe liberal que sabe o peso da cara e da coroa de um tostão, e que dotada de ousadia para guiar o povo, ajunta uma boa quantia deles, ainda que cerca de umas trinta pessoas como em Itaguaí e se dirige ao poder público, numa primeira tentativa de resolver as desavenças ainda dentro da lei e da ordem. Assim como mundo real, quando não se vai por bem vai por mal, mas que vai, vai. E assim, chegamos à Casa Verde cercada. *Já não eram trinta, mas trezentas pessoas que acompanhavam o barbeiro*. De “abaixo a Casa Verde!”, os gritos da turba passaram a “morra o alienista!”. Temos então o alienista se dirigindo à multidão e, nas palavras de sua defesa vemos o retrato do pensamento científico tão bem conhecido em nosso tempo, a saber:

*Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade.
Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas, se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós em comissão dos outros a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes.*

A ciência é coisa séria, e por séria entende-se indiscutível. Ao menos para com os mortais.

Esse pensamento reinante na mente do Dr. de Coimbra e Pádua é o mesmo que se encontra hoje na cabeça de um biólogo fajuto como o Dr. Átila Iamarino que, mesmo tendo previsto mais de um milhão de mortos na pandemia de COVID-19, foi elevado a guia espiritual da nação que não viu um décimo da previsão apocalíptica do jovem YouTuber se cumprir. Somos todos habitantes de Itaguaí, que caminhava quase unânime no espírito dos canjicas:

A ação podia ser restrita -- visto que muita gente, ou por medo, ou por hábitos de educação, não descia à rua; mas o sentimento era unânime, ou quase unânime, e os trezentos que caminhavam para a Casa Verde, -- dada a diferença de Paris a Itaguaí, -- podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha. Porém...

Deteve-os um incidente: era um corpo de dragões que, a marche-marche, entrava na Rua Nova.

O que acontece então é um retrato realista demais para figurar apenas em um conto de um mulato brasileiro, consta dos livros de história em todo o mundo, retrato de povos vários. A força do Estado intenta contra o povo mas, no travar dos punhos, parte da força policial se lembra de ser também povo e passa para o lado das pessoas, abandonando as fileiras das instituições. Se Machado de Assis for profeta poderemos saber logo, uma vez que ao Brasil não se vê mais esperança institucional, estamos cercados por todos os lados.

Paro por aqui com as vinculações (nada forçadas, claro se vê) da ficção de Itaguaí com nossa realidade e lembro por último que lá, um popular foi ao poder e de Barbeiro a Presidente da Câmara chegou ao posto que lhe permitiria executar a vontade popular mas, de posse do cetro do Estado preferiu não ser radical ao ponto de “derrubar a Casa Verde” -- como o povo e ele mesmo exigia quando fora do poder. Agora estando de posse do cetro e da coroa era preciso ser mais responsável. Se dirigiu então ao inimigo e deixou transparecer que ao seu lado não havia mais que umas trinta pessoas; foi o suficiente para no dia seguinte o alienista meter em cárcere os trinta e acabar com a militância do projeto de libertador. Chega de realidade, voltemos à ficção.

Machado de Assis escreveu em um período de muitas revoltas locais no Brasil, quando o Império já sentira ser inevitável entregar o Brasil aos brasileiros. Esse tempo foi marcado por inconfidências que traziam para o Brasil o mesmo anseio libertador que minava as bases imperiais não apenas das colônias sul-americanas como as próprias coroas europeias. Toda essa geopolítica conturbada levou nosso romancista a preencher seus contos e romances com momentos de tensão política e lampejos de democracias como vimos tão bem em Esaú e Jacó. Aqui em O alienista o barbeiro traz o aspecto libertador muito bem representado em um velho barbeiro do interior que se levanta contra um tirano vindo da Europa. Porfírio e Bacamarte trazem muito mais que um elemento cômico ou fantástico à trama, trazem o fundo de realidade ao que há um século parecia apenas ficção. Vemos a chegada então de todos os elementos de revolta com muita intimidade, condescendentes que somos da Inconfidência Mineira, a Revolta dos Mascates, a Revolta de 30 e tantos outros Porfírios e tantas outras Casas Verdes em cinco séculos de Brasil.

O conto caminha para o final e leva consigo a dúvida do “como”, na ficção terminará o imbróglio de Itaguáí. No mundo real o brasileiro sabe que “no Brasil, sempre acaba em pizza” mas, e na mente de nossos ficcionistas? Machado leva a obra a um momento que se assemelha a uma reviravolta com a chegada de um outro líder popular – outro barbeiro – que não demora muito em levar o mesmo fim do que o antecedeu: hospedagem na casa de orates. E a partir daí tudo parece que vai terminar como realmente termina, a solução não tendo mais de onde vir só pode nascer mesmo de dentro do próprio problema: o poder de decisão do dr. Simão Bacamarte. E de lá vem a decisão de que quem estava louco estava são e quem estava são, louco. É dada então ordem para que sejam libertos os habitantes de Itaguáí enclausurados na Casa Verde, assim, de repente *sem mais nem menos*. Na ordem de soltura consta, porém, um trecho final que ordena serem então aprisionados os que estavam livres. Dr. Simão Bacamarte não cessa com seu experimento e chega ao fim do livro trazendo à soltura seus enclausurados apenas porque lhe chega uma nova compreensão, a de que haveria outro método para curar os loucos de Itaguáí.

A lição que fica da anedota itaguaiense é a de que o poder da ciência pode tudo, uma vez que separa os homens entre os especialistas e os comuns. A estes, a vida reserva a obediência àqueles. O mundo hoje tem vivido exatamente o mesmo destino que Machado reservou a Itaguáí, quando todos os habitantes de todo o planeta se colocaram nas mãos da ONU que, por meio de seus especialistas em saúde transformou a OMS no centro de poder político global. O diploma de Coimbra e Pádua na parede da Casa Verde deu ao último do clã dos Bacamartes o poder que a ONU deu a Xi Jinping.

Fernando Melo
Aula ministrada na Escola de Conservadorismo no dia 08 de março de 2021.